

O impacto do Turismo no crescimento regional português

Tourism's impact on Portuguese regional growth

Vânia Costa¹, Pedro Nunes², Conceição Castro³

Resumo: O Turismo é um setor estratégico para o crescimento das economias, contribuindo para o emprego, o crescimento do produto interno bruto (PIB), as exportações e o equilíbrio da balança comercial. Este setor beneficia em particular os países pequenos com privilégios de localização geográfica, como é o caso da economia portuguesa. Em 2013, o setor do Turismo contribuiu na sua totalidade com 26,4 mil milhões de euros para o PIB português (15,9% do PIB) e com 860,5 mil empregos⁴.

Portugal é um país com elevadas assimetrias regionais, em que o PIB *per capita* regional mais elevado corresponde ao triplo da região menos desenvolvida. Neste sentido, o presente estudo tem como objetivo analisar o impacto do Turismo na convergência regional, bem como importância deste setor como fator gerador de crescimento regional, nomeadamente das trinta regiões portuguesas NUTS III, ao longo do período de 2009 a 2012.

Palavras-chave: crescimento económico, crescimento regional, NUTS III, turismo, Portugal

Abstract: Tourism is a crucial sector of economic growth, contributing to employment, the growth of gross domestic product (GDP), exports and the counterbalance of balance of trade. This area benefits above all smaller countries with geographic privileges, as it is the case of the Portuguese economy. In 2013 tourism contributed in its whole with 26.4 billion Euros to the Portuguese GDP (15.9% of GDP) and with 860.5 thousand jobs⁵.

Being Portugal a country with high regional asymmetries, where the highest regional GDP *per capita* conforms the triple of the least developed region. In this sense, the present study aims to analyze the impact of tourism in regional convergence and to analyze the importance of tourism in regional growth in thirty Portuguese regions, between 2009 and 2012.

Keywords: economic growth, regional growth, NUTS III, tourism, Portugal

1 Instituto Politécnico do Cávado e do Ave. E-mail: vcosta@ipca.pt.

2 Instituto Politécnico do Cávado e do Ave. E-mail: pnunes@ipca.pt.

3 ESEIG - Instituto Politécnico do Porto. E-mail: conceicaocastro@eu.ipp.pt.

4 WTTC, 2014.

5 WTTC, 2014.

Introdução

O Turismo é um fenómeno universalmente reconhecido pelo seu impacto multiplicador ao nível económico, social, cultural e ambiental. Este setor é frequentemente visto como um motor de crescimento económico, desenvolvimento regional e um contributo para o aumento do bem-estar económico das populações locais⁶⁶. Neste sentido, a importância das receitas do Turismo e a análise dos seus efeitos têm despertado o interesse de um número crescente de estudos. De acordo com vários autores, as despesas com o Turismo surgem como a forma de exportação que contribui para melhorar a balança de pagamentos, favorecer o emprego, gerar receitas fiscais adicionais, gerando, deste modo, uma influência positiva sobre a economia como um todo⁷. Segundo Webster e Ivanov⁸, do ponto de vista empírico, Lanza e Pigiliaru⁹ foram os primeiros investigadores a estudar a relação entre o Turismo e o crescimento.

Nas últimas seis décadas o Turismo registou uma enorme expansão à escala mundial, tornando-se um dos setores económicos com maior crescimento. Segundo dados do UNWTO¹⁰, a chegada de turistas internacionais cresceu de 528 milhões em 1995 para 1087 milhões em 2013. E de acordo com a mesma fonte, prevê-se que continue a crescer a uma taxa anual de 2,2% até 2030. Foram vários os fatores que contribuíram para o crescimento exponencial deste setor, nomeadamente o aumento dos rendimentos e da riqueza, a melhoria nos transportes, a alteração dos estilos de vida e valores dos consumidores, o aumento do tempo de lazer, a abertura internacional e a globalização, a imigração, os eventos especiais, a educação, as tecnologias da informação e comunicação, o marketing e a promoção de destinos e a melhoria das condições gerais das infraestruturas de turismo, entre outros.

Em Portugal, o Turismo contribui com cerca de 46% das exportações de serviços e 14% das exportações totais e com 26,4 mil milhões de euros para a formação do Produto Interno Bruto em Portugal¹¹. Segundo a mesma fonte, este setor emprega 860 mil trabalhadores, ou seja, 18,5% da população economicamente ativa. Em 2012, as exportações geradas pelos visitantes ascenderam a 11,1 mil milhões de euros, que representam 17,8% das exportações totais.

Recentemente o setor do Turismo em Portugal tem estado em destaque por todo o mundo. Em 2013 recebeu mais do triplo dos prémios comparativamente com o ano anterior. Para além de alguns produtos tradicionais, locais e eventos a visitar ao longo de todo o país, mereceram destaque algumas regiões: o Alentejo, o Algarve como melhor destino de golf, Lisboa na lista top dos viajantes, o Porto, considerado Melhor Destino Europeu. Em 2014, o Turismo de Portugal venceu os World Travel Awards 2014 na categoria de organismo oficial de Europe's Leading Tourist Board. Portugal tem-se, assim, assumido como um importante destino turístico internacional, embora cada região difira entre si. Neste contexto, este estudo procura investigar empiricamente a importância do Turismo no crescimento regional nas regiões de Portugal ao nível das NUTS II e III, aplicando a metodologia de Barro e Sala-i-Martin¹², anteriormente utilizada por Soukiazis e Proença¹³. Tendo em conta este objetivo, o

6 WEBSTER; IVANOV, 2014.

7 WEBSTER; IVANOV, 2014; ARCHER, 1995; BELISLE; HOY, 1980; DAVIS; ALLEN; CONSENZA, 1988; DURBARRY, 2002; KHAN; SENG; CHEONG, 1990; UYSAL; GITELSON, 1994.

8 WEBSTER; IVANOV, 2014.

9 LANZA; PIGILIARU, 2000.

10 UNWTO, 2014.

11 WTTC, 2013.

12 BARRO; SALA-I-MARTIN, 1991, 1995.

13 SOUKIAZIS; PROENÇA, 2008.

artigo subdivide-se em três partes, a primeira parte foca-se na caracterização das regiões de Portugal, destacando as desigualdades no rendimento, a segunda apresenta a metodologia utilizada e a terceira os resultados obtidos.

1. O turismo e o crescimento regional

1.1. As regiões portuguesas e as suas disparidades de rendimento referência mítica de sucesso em terras brasileiras

O território português encontra-se subdividido por regiões que se distinguem pela sua própria identidade e particularidade. Ao longo dos últimos anos podemos constatar um crescimento do rendimento na maioria das NUTS portuguesas (Quadro n.º 1). Entre 2004 e 2012 o rendimento per capita português cresceu na sua globalidade cerca de 9,8%, embora se verifiquem taxas de crescimento com elevado grau de disparidade. O crescimento e o desenvolvimento económico português depende da convergência ao nível das regiões. O desenvolvimento harmonioso dos territórios é um dos objetivos fundamentais da União Europeia, uma vez que o desenvolvimento equilibrado e sustentável depende da existência de coesão económica e social.

Quadro n.º 1 – Rendimento *per capita* das regiões Portuguesas NUTS II e III, 2004-2012 (1000 Euros)

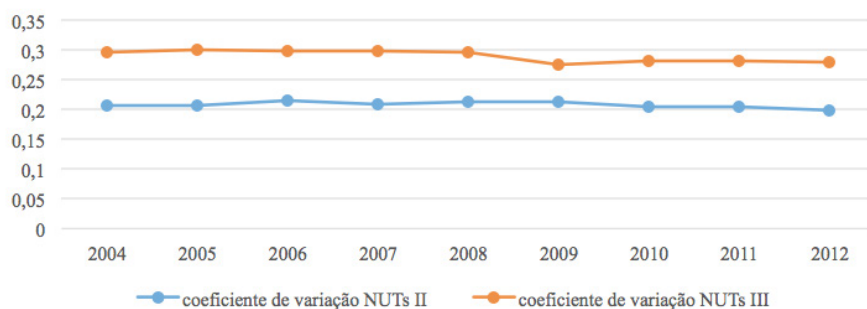
Regiões (NUTS II and III)	Anos											
	2004	Ranking	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Ranking	04/12
Portugal	14,2		14,6	15,2	16,0	16,2	15,9	16,3	16,1	15,6		9,8%
Norte	11,1		11,5	11,9	12,7	13,0	12,6	13,1	13,0	12,8		14,4%
Minho-Lima	8,9	24th	9,2	9,8	10,1	10,5	10,7	11,4	11,2	11,2	21st	25,5%
Cávado	10,7	18th	11,0	11,3	12,0	12,5	12,3	12,5	12,7	12,3	15th	15,0%
Ave	10,4	19th	10,5	10,8	11,5	11,7	11,3	11,9	12,0	11,9	19th	14,3%
Grande Porto	14,6	6th	15,0	15,4	16,5	16,7	16,0	16,4	16,4	16,1	4th	10,6%
Tâmega	7,2	30th	7,6	8,1	8,7	8,8	8,7	9,0	8,9	8,6	29th	19,5%
Entre Douro e Vouga	11,7	17th	11,9	12,2	12,9	12,9	12,3	13,0	13,1	12,6	14th	8,0%
Douro	8,1	27th	8,7	9,3	9,6	10,2	10,5	10,9	10,8	10,3	26th	27,1%
Alto Trás-os-Montes	8,7	25th	9,3	9,7	10,1	10,8	10,9	11,3	11,0	10,7	24th	22,2%
Centro	12,0		12,3	12,7	13,3	13,3	13,2	13,5	13,3	12,8		6,6%
Baixo Vouga	13,5	8th	13,8	14,0	14,7	14,6	14,3	14,6	14,6	14,2	10th	4,7%
Baixo Mondego	14,1	7th	14,4	14,7	15,4	15,6	15,6	16,4	16,3	15,4	6th	9,9%
Pinhal Litoral	14,7	5th	14,7	15,4	16,2	16,1	15,8	15,9	16,0	15,5	5th	4,9%
Pinhal Interior Norte	8,6	26th	8,8	9,4	9,8	9,9	10,1	10,2	10,3	9,9	28th	15,0%
Dão-Lafões	10,2	20th	10,5	11,0	11,5	11,6	11,4	11,5	11,3	10,9	23rd	6,9%
Pinhal Interior Sul	8,1	28th	8,8	10,0	10,2	11,4	11,4	12,1	12,1	11,4	20th	40,3%
Serra da Estrela	7,3	29th	7,4	7,8	8,0	8,4	8,5	8,5	8,3	8,2	30th	12,9%
Beira Interior Norte	9,1	22nd	9,6	10,3	10,6	10,7	10,8	11,2	10,8	10,3	27th	13,1%
Beira Interior Sul	11,8	14th	12,4	13,1	13,6	13,6	13,7	14,7	14,6	14,1	11th	19,2%
Cova da Beira	9,0	23rd	9,7	10,3	10,5	10,6	10,6	10,9	10,9	10,5	25th	16,5%
Oeste	12,4	12th	12,5	12,9	13,4	13,1	13,0	13,0	12,5	12,1	17th	-2,7%
Médio Tejo	11,8	15th	11,6	12,1	12,8	12,4	12,4	12,7	12,5	12,0	18th	1,6%
Lisboa	20,1	2nd	20,7	21,4	22,4	22,7	22,3	22,7	22,5	21,7		8,1%
Grande Lisboa	23,8	1st	24,6	25,2	26,5	26,9	26,6	27,1	26,7	25,9	1st	8,5%
Península de Setúbal	10,2	21st	10,3	11,3	11,7	11,9	11,4	11,6	11,7	11,2	22nd	9,9%
Alentejo	13,2		13,5	14,3	14,8	14,8	14,3	15,0	14,8	14,3	9th	8,4%
Alentejo Litoral	17,5	4th	20,1	21,9	22,7	23,2	19,4	22,6	22,5	21,9	2nd	25,3%
Alto Alentejo	12,3	13th	12,3	12,3	12,8	12,8	13,0	13,1	12,8	12,3	16th	-0,1%
Alentejo Central	12,6	11th	12,7	12,9	13,3	13,6	13,1	13,7	13,5	13,0	12th	2,8%
Baixo Alentejo	11,8	16th	12,3	14,4	15,0	14,1	14,9	15,7	15,4	14,8	7th	25,1%
Lezíria do Tejo	13,0	9th	12,7	13,1	13,7	13,8	13,5	13,5	13,2	12,9	13th	-0,6%
Algarve	15,8		16,3	17,0	17,8	17,9	16,8	16,8	16,5	16,0		1,4%
R A Açores	12,9	10th	13,4	14,0	14,6	15,1	14,9	15,3	15,2	14,6	8th	13,5%
R A Madeira	17,7	3rd	18,2	20,2	20,5	21,4	20,8	21,1	20,8	19,6	3rd	10,4%

Fonte: INE (2005); INE (2006); INE (2007); INE (2008); INE (2009); INE (2010a); INE (2011a); INE (2012a); INE (2013a).

Apesar de se verificar uma ligeira redução do coeficiente de variação entre o rendimento *per capita* das NUTS II e III (Figura n.º 1), de 0,29 para 0,28 e de 0,20 para 0,19, respetivamente, a região da Grande Lisboa concentra a maior percentagem de rendimento, mantendo-se em primeira posição no ranking do rendimento. Em última posição com rendimento inferior situou-se a região do Tâmega em 2004 e a região da Serra da Estrela em 2012. Mais recentemente, entre 2009 e 2010 verificou-se um abrandamento da convergência regional. Como verificamos

na Figura n.º 1, entre 2009 e 2010 registou-se um crescimento das disparidades regionais das NUTS III de uma centésima. A crise financeira mundial vivida a partir de 2009 certamente contribuiu para a divergência do rendimento regional em Portugal.

Figura n.º 1 – Coeficiente de variação do rendimento *per capita* entre as regiões das NUTS II e das NUTS III



Fonte: Cálculos próprios.

Como referimos anteriormente o setor do Turismo tem merecido um forte destaque no território português. O Turismo é um dos setores que proporciona um maior conjunto de externalidades positivas para os vários subsectores económicos. Neste sentido, este estudo surge com o objetivo de analisar o impacto do setor do Turismo na convergência do rendimento *per capita* regional. E uma vez que nos últimos anos se verifica uma ligeira redução da convergência e até mesmo uma divergência entre 2009 e 2010, é essencial verificar a existência de oscilações do impacto turístico ao longo dos tempos.

1.2. Metodologia

De modo a testar o impacto do Turismo ao nível regional, aplicamos a equação geral de convergência ao rendimento *per capita*. Esta metodologia foi anteriormente aplicada por Soukiazis e Proença¹⁴, com um objetivo similar ao presente estudo – estudar a importância do turismo como fator de crescimento regional ao nível das NUTS II e NUTS III, entre 1993 e 2001. Nesta investigação procuramos analisar um horizonte temporal distinto, entre 2009 e 2012, de modo a realizar uma análise comparativa relativamente ao referido estudo.

A equação geral de convergência do rendimento foi estimada aplicando o método de mínimos quadrados. Em relação aos modelos de convergência do rendimento foram consideradas duas hipóteses: (i) Convergência absoluta e (ii) Convergência condicional.

O modelo de convergência absoluta utiliza o conceito de convergência β -univariada (univariate β -convergence model). Concretamente, esta abordagem deriva dos modelos neoclássicos do crescimento económico, nomeadamente o modelo de Solow¹⁵, que assume uma função de produção com dois fatores

¹⁴ SOUKIAZIS; PROENÇA, 2008.

¹⁵ SOLOW, 1956.

produtivos, trabalho e capital e com base nesta função neoclássica o autor defendeu que os países convergem, uma vez que o rendimento e o investimento não aumentam de forma constante. Neste sentido, o aumento de uma unidade de capital em países mais ricos tem um efeito de crescimento económico inferior comparativamente aos países mais pobres, derivando um efeito de convergência. O modelo de convergência β -univariada ao longo de um determinado período segue a seguinte função:

$$\ln\left(\frac{y_{i,t}}{y_{i,t-1}}\right) = \alpha + \gamma(\ln y_{i,t-1}) + \varepsilon \quad (1)$$

Onde y representa o rendimento *per capita*, i uma determinada economia, t o tempo, α constante, γ o coeficiente de convergência, \ln o logaritmo natural, $t-1$ o ano inicial e ε o termo de erro.

O modelo de convergência condicional é estimado pela seguinte função:

$$\ln\left(\frac{y_{i,t}}{y_{i,t-1}}\right) = \alpha + b(\ln y_{i,t-1}) + \gamma(X_{i,t}) + \varepsilon \quad (2)$$

Onde $X_{i,t}$ representa as variáveis explicativas e γ o vetor dos parâmetros $X_{i,t}$.

Este novo conceito de convergência condicional surgiu mais tarde com os autores Barro¹⁶ e Sala-i-Martin¹⁷, com a denominada teoria de crescimento endógeno, que defende que a convergência é condicionada por fatores estruturais.

No presente estudo aplicamos as duas hipóteses de abordagens da convergência ao nível das regiões NUTS II e NUTS III. Utilizamos a variável turismo, através da capacidade de alojamento, como fator condicional de modo a testar o seu impacto no crescimento regional e na convergência. Seguimos assim os mesmos pressupostos do estudo aplicado ao território regional português de modo a possibilitar uma abordagem comparativa com o estudo de Soukiazis e Proença¹⁸.

No presente estudo o modelo de convergência β -univariada relaciona o crescimento do rendimento per capita com seu o nível inicial, na função (1) a variável y traduz-se pelo produto interno bruto *per capita* e obtemos a seguinte função:

$$\Delta \ln y_{i,t} = \alpha_i + b(\ln y_{i,t-1}) + u_{i,t} \quad (3)$$

Assumindo como fator condicional de convergência o turismo, traduzido pela capacidade de alojamento, reescrevendo a função (2) obtemos a função (4):

$$\Delta \ln y_{i,t} = \alpha_i + b(\ln y_{i,t-1}) + \gamma(TUR_{i,t}) + u_{i,t} \quad (4)$$

De acordo com Soukiazis e Proença¹⁹, na equação (4) espera-se que o crescimento das regiões convirja em diferentes estádios, que o coeficiente de convergência seja negativo e que $\gamma \neq 0$ para que a convergência possa ser condicional.

16 BARRO, 1991.

17 SALA-I-MARTIN, 1994.

18 SOUKIAZIS; PROENÇA, 2008.

19 SOUKIAZIS; PROENÇA, 2008.

O coeficiente que estima a taxa de convergência anual é dado pela seguinte função:

$$\beta = -\frac{\text{Log}(1-b)}{t} \quad (5)$$

As funções (3) e (4) foram estimadas para um período de quatro anos, entre 2009 e 2012, para as trinta regiões que compõem as regiões da NUTS III de Portugal. Foram aplicadas duas metodologias de estimação, o Método de Mínimos Quadrados (*Ordinary Least Squares - OLS*) e o Método de Efeitos Fixos (*Least Squares Dummy Variable - LSDV*). No primeiro método, assumimos o pressuposto de um ponto comum entre todas as regiões, no entanto, no segundo método assumiram-se efeitos individuais entre as regiões em estudo.

1.3 Convergência/divergência no rendimento *per capita* regional português

O Quadro n.º 2 apresenta os resultados obtidos pela estimação dos modelos em contexto de convergência absoluta, ou seja, considerando como pressuposto a condição de características similares entre as regiões em estudo.

Quadro n.º 2 – Importância do rendimento *per capita* na convergência ao longo das 30 regiões da NUTS III portuguesas, num contexto de convergência absoluta, 2009-2012

Função estimada: $\Delta \ln y_{i,t} = \alpha_i + b(\ln y_{i,t-1}) + u_{i,t}$					
Método	Constante	b	β	\bar{R}^2	SEE
Método de Mínimos Quadrados - OLS (incluindo α_i)	0,993 (211,669)	0,001 (0,985)#	0,0001	-0,001	0,00118
Método de Mínimos Quadrados - OLS (excluindo α_i)	--	0,114 (34,921)	0,0131	0,971	0,16902
Efeitos fixos (LSDV)	*	0,115 (35,540)	0,0132	0,973	0,167
Teste de Hausman	$\chi^2 = 54,159$		valor-p=0,000		

(#) Indica que o coeficiente não é estatisticamente significativo ao nível de 5%.

Entre os métodos de estimação aplicados, o Modelo de Efeitos Fixos (LSDV) revelou-se mais eficiente, uma vez que apresenta erros padrão inferiores. Além disso, em todos os modelos obtivemos um coeficiente de convergência β positivo, contrariamente ao esperado. No caso do modelo de efeitos fixos (LSDV), o coeficiente de convergência é de 0,0132, o que traduz uma taxa anual de divergência de 1,32%, refletindo um efeito, apesar de lento, de divergência. Os resultados obtidos são contrários aos do estudo de Soukiazis e Proença²⁰, em que a estimativa, para o mesmo modelo, no período de 1993 a 2001, traduziu um coeficiente de convergência de -0,0896.

O Quadro n.º 2 apresenta os resultados obtidos pela estimação dos modelos em contexto de convergência condicional, ou seja, considerando como pressuposto a condição de características distintas entre as regiões em estudo. Assumindo os pressupostos de convergência condicional, o Método dos Mínimos Quadrados sem constante revelou-se mais eficiente, uma vez que explica 98,7% da variação da variável dependente.

De acordo com os resultados, o coeficiente de convergência apresenta-se superior em todos os modelos e, tal como no contexto de convergência absoluta, revelou-se positivo, contrariamente ao esperado. Na nossa análise foi ainda realizado o teste de especificação de Hausman, o qual contribui para a escolha entre o Modelo de Efeitos Fixos e o de Efeitos Aleatórios, uma vez que compara os dois modelos. Este teste baseia-se na comparação entre os parâmetros estimados pelas duas especificações, assumindo como hipótese nula a indicação para utilizar o modelo de estimação com efeitos aleatórios. O resultado essencial deste teste de endogeneidade dos regressores é que a covariância de um estimador eficiente com a sua diferença em relação a um estimador eficiente é nula e é apresentado sob a seguinte fórmula:

$$W = \frac{(b_i - \beta_i)^2}{[\text{var}(b_i) - \text{var}(\beta_i)]} \sim \chi^2_{(k)} \quad (6)$$

onde b_i representa o vetor de coeficiente do modelo de Efeitos Fixos e β , o vetor de coeficiente do modelo de Efeitos Aleatórios. Neste sentido, o teste de Hausman testa a hipótese nula dos coeficientes estimados pelo estimador eficiente de efeitos aleatórios serem os mesmos dos que os estimados pelo estimador de efeitos fixos. Os resultados obtidos evidenciam um p-value significativo pelo que dá evidências a favor dos efeitos fixos. Os resultados são similares aos resultados obtidos por Soukiazis e Proença²¹, pelo que se mantém uma estrutura diferente em função do rendimento das trinta regiões portuguesas em estudo. Como referido anteriormente, a grande diferença entre os resultados deste estudo e os resultados obtidos pelos referidos autores traduz-se nas diferenças estruturais. Enquanto Soukiazis e Proença²² concluíram a existência de convergência de 8,96% ao ano, neste estudo, concluímos uma taxa de divergência de 1,32%.

No Quadro n.º 3 são apresentados os resultados de estimação (4), na qual foi introduzida uma nova variável, a capacidade de alojamento, com o objetivo de testar a relação entre o aumento da oferta do turismo com o crescimento do rendimento *per capita* regional. Os resultados obtidos são distintos entre modelos, uma vez que o coeficiente da variável capacidade de alojamento é positivo nos modelos OLS, mas é negativo no modelo LSDV. Além disso, a variável não é estatisticamente significativa nos modelos OLS com constante e no modelo LSDV.

No entanto, considerando apenas o modelo mais eficiente, o modelo OLS sem constante, podemos concluir que a variável capacidade de alojamento apresenta uma relação positiva com o crescimento do rendimento. O aumento de 1% na capacidade de alojamento implica um crescimento de 0,067% no rendimento *per capita* regional. Neste sentido, em conformidade com a conclusão de Soukiazis e Proença²³, o setor do turismo e o crescimento da atividade turística traduz-se num crescimento do rendimento regional português.

21 SOUKIAZIS; PROENÇA, 2008.

22 SOUKIAZIS; PROENÇA, 2008.

23 SOUKIAZIS; PROENÇA, 2008.

Quadro n.º 3 – Importância do rendimento *per capita* na convergência ao longo das 30 regiões da NUTS III portuguesas, num contexto de convergência condicional, 2009-2012

Função estimada: $\Delta \ln y_{i,t} = \alpha_i + b(\ln y_{i,t-1}) + \gamma(TUR_{i,t}) + u_{i,t}$						
Método	Constante	<i>b</i>	γ	β	R^2	SEE
Método de Mínimos Quadrados - OLS (incluindo α_i)	0,989 (108,435)	0,000 (0,360)#	0,001 (0,589)#	0	0,037	0,00527
Método de Mínimos Quadrados - OLS (excluindo α_i)	--	0,057 (2,669)	0,067 (3,102)	0,0063	0,987	0,112
Efeitos fixos (LSDV)	*	0,326 (2,209)	-0,205 (-1,400)#	0,0428	0,909	0,306
Teste de Hausman	$\chi^2= 126,056$		valor-p=0,000			

(#) Indica que o coeficiente não é estatisticamente significativo ao nível de 5%.

Conclusão

Este estudo teve como principal objetivo analisar a importância do setor do Turismo como fator difusor de crescimento económico, bem como o seu contributo para a convergência do crescimento regional das regiões da NUTS III.

Relativamente ao primeiro aspeto, estimamos o efeito do setor do Turismo no crescimento do rendimento *per capita*. Concretamente, o modelo (4) apresenta como variável dependente a variação do rendimento *per capita* e inclui a variável explicativa a capacidade de alojamento no turismo, com o objetivo de traduzir o aumento do investimento neste setor e conseqüentemente o seu dinamismo. Concluímos a existência de uma relação positiva entre estas duas variáveis. Concretamente, entre 2009 e 2012, o aumento de 1% da capacidade de alojamento no setor do turismo promoveu um crescimento de 0,067% no rendimento regional.

Relativamente ao contributo do Turismo para a coesão económica regional, verificamos que ao longo do período em estudo se registou uma divergência do crescimento regional. Este facto certamente ficou a dever-se fundamentalmente à crise económico-financeira vivida de forma acentuada entre 2008 e 2009. As estatísticas da atividade do Turismo ressentiram-se neste período e apesar de se verificar uma recuperação em 2010, só no ano de 2012 é que este setor apresentou um crescimento mais significativo. Neste sentido, as oscilações negativas no setor do Turismo tiveram como impacto negativo na convergência do crescimento regional.

Os resultados do estudo de Soukiazis e Proença²⁴ evidenciaram a convergência das regiões portuguesas para pontos de equilíbrio ao longo do período de 1993 a 2001. Salienta-se uma evolução positiva do setor do turismo neste período. Assim, podemos concluir que as oscilações do segmento turístico português apresentam efeitos colaterais, do mesmo sentido, na convergência ou divergência regional.

Podemos assim concluir, que a dinamização de todo o setor turístico português representa um forte contributo para o aumento do rendimento regional e traduz-se numa maior coesão social e consolidação de todas as regiões.

Bibliografia

- ARCHER, Brian, 1995 – “Importance of tourism for the economy of Bermuda”. *Annals of Tourism Research*. Vol. 22, n.º 4, p. 918-930.
- BARRO, Robert, 1991 – “Economic Growth in a Cross Section of Countries”. *The Quarterly Journal of Economics*. Vol. 106, n.º 2, p. 407-443.
- BARRO, Robert; SALA-I-MARTIN, Xavier, 1991 – “Convergence across states and regions”. *Brookings Papers on Economic Activity*. N.º 1, p. 107-182.
- BARRO, Robert; SALA-I-MARTIN, Xavier, 1995 – *Economic growth*. New York: McGraw-Hill.
- BELISLE, Francois J.; HOY, Don R., 1980 – “The perceived impact of tourism by residents a case study in Santa Marta, Colombia”. *Annals of Tourism Research*. Vol. 7, n.º 1, p. 83-101.
- DAVIS, Davis; ALLEN, Jeff; COSENZA, Robert M., 1988 – “Segmenting local residents by their attitudes, interests, and opinions toward tourism”. *Journal of Travel Research*. Vol. 27, n.º 2, p. 2-8.
- DURBARRY, Ramesh, 2004 – “Tourism and economic growth: the case of Mauritius”. *Tourism Economics*. Vol. 10, n.º 4, p. 389-401.
- Instituto Nacional de Estatística (INE), 2005 – *Contas regionais 2004*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Instituto Nacional de Estatística (INE), 2006 – *Contas regionais 2005*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Instituto Nacional de Estatística (INE), 2007 – *Contas regionais 2006*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Instituto Nacional de Estatística (INE), 2008 – *Contas regionais 2007*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Instituto Nacional de Estatística (INE), 2009 – *Contas regionais 2008*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Instituto Nacional de Estatística (INE), 2010a – *Contas regionais 2009*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Instituto Nacional de Estatística (INE), 2010b – *Estatísticas do turismo 2009*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Instituto Nacional de Estatística (INE), 2011a – *Contas regionais 2010*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Instituto Nacional de Estatística (INE), 2011b – *Estatísticas do turismo 2010*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Instituto Nacional de Estatística (INE), 2012a – *Contas regionais 2011*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Instituto Nacional de Estatística (INE), 2012b – *Estatísticas do turismo 2011*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Instituto Nacional de Estatística (INE), 2013a – *Contas regionais 2012*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Instituto Nacional de Estatística (INE), 2013b – *Estatísticas do turismo 2012*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- KHAN, Habibullah; SENG, Chou Fee; CHEONG, Wong Kwei, 1990 – “Tourism multiplier effects on Singapore”. *Annals of Tourism Research*. Vol. 17, n.º 3, p. 408-418.
- LANZA, Alessandro; PIGLIARU, Francesco, 2000 – “Why are tourism countries small and fast-growing?”, in FOSSATI, Amedeo; PANELLA, Giorgio (eds) – *Tourism and Sustainable Economic Development*. Springer Science and Business Media New York, p. 57-69.
- SALA-I-MARTIN, Xavier, 1994 – “Cross-sectional regressions and the empirics of economic growth”. *Economics Working Paper*. N.º 79.
- SOLOW, Robert, 1956 – “A contribution to the theory of economic growth”. *The Quarterly Journal of Economics*. Vol. 70, n.º 1, p. 65-94.
- SOUKIAZIS, Elias; PROENÇA, Sara, 2008 – “Tourism as an alternative source of regional growth in Portugal: a panel data analysis at NUTS II and III levels”. *Portuguese Economic Journal*. Vol. 7, n.º 1, p. 43-61.

World Tourism Organisation (UNWTO), 2014 – “UNWTO Tourism Highlights”. 2014 Edition. Disponível em: <http://dtxqt4w60xqpw.cloudfront.net/sites/all/files/pdf/unwto_highlights13_en_lr.pdf>.

UYSAL, Muzaffer; GITELSON, Richard, 1994 – “Assessment of economic impacts: Festivals and special events”. *Festival Management & Event Tourism*. Vol. 2, n.º 1, p. 3-10.

WEBSTER, Craig; IVANOV, Stanislav, 2014 – “Transforming competitiveness into economic benefits: Does tourism stimulate economic growth in more competitive destinations?”. *Tourism Management*. Vol. 40, p. 137-140.

World Travel & Tourism Council (WTTC), 2013 – “Travel & Tourism Economic Impact 2013 Portugal”. Disponível em: <http://www.wttc.org/site_media/uploads/downloads/world2013_1.pdf>.

World Travel & Tourism Council (WTTC), 2014 – “Travel & Tourism Economic Impact 2014 World”. Disponível em: <<http://www.wttc.org/~media/files/reports/economic%20impact%20research/regional%20reports/world2014.ashx>>.